CAROLINE BORGES PAVANELLI
O velho tinha um aquário sem peixe, cabelo sem cabeça e viagra sem pau. No
final, o único que funcionava era o cheiro de merda. Rico paga pela merda que
caga. Pobre limpa a merda que paga.
[ELE]

Rico paga pela merda que caga. Pobre limpa a merda que paga.

Porra, de novo aquele barulinho irritante, aquele zunido de quando você planeja algo e acaba não fazendo merda nenhuma, quando no último minuto tu se arrepende de algo que nem quando teve a chance, queria fazer. Minha mão tá cheirando a merda, desentupi três ralos hoje, uma puta gostosa com quase um litro de gordura melecada dentro da porra do ralo, deve dizer por aí que só come coisa gourmet, sem glúten. Um velho com pedra daquelas coloridas de aquário, o cara nem tinha cabelo, mas com uma caixa de viagra em cima do micro-ondas, me pergunto pra que, nem a mão levanta pra usar a porra de um filtro, quem dirá o pau. Mora no mesmo prédio da gostosa, o cara tem cabelo no ralo, só pode ser do saco, se falta cabelo até na cabeça... Mas depilar o pau na pia da cozinha talvez seja demais, mas ainda assim melhor do que enfiar a mão na merda do ralo do banheiro, chão todo concretado, pra arrumar isso aqui só quebrando, quantos litros de merda esse cara não nada por dia?
Eu saí do banheiro do velho fedendo. Merda misturada com um perfume barato daqueles que só idoso usa, sabe? Um cheiro de nostalgia ruim, tipo quando você lembra que já foi apaixonado por alguém e só te vem na cabeça as dívidas que essa pessoa te deixou. Dei um jeito no ralo, ele assinou um cheque. Um cheque. Quem usa cheque hoje em dia? Só velho e golpista. Pensei duas vezes antes de aceitar, mas a miséria me convenceu. Agora tô aqui na lotérica. Cheiro de merda grudado no corpo, a mulher do caixa me olhando como se eu fosse o cara que peidou no ônibus lotado.
Se ela soubesse que a merda que eu tô cheirando não é minha, mas do prefeito. Sim, o cara que tava nadando naquele banheiro é o prefeito. Não parece, né? Fiquei imaginando ele ali, todo poderoso, segurando o jornal com um café frio enquanto o esgoto passava pela calçada. É isso que me dá raiva nesses ricaços: eles cagando na porcelana fina e eu, encanador, limpando a merda deles pra ganhar o dinheiro que vai pro banco antes mesmo de eu respirar aliviado.
Enquanto eu enfiava a mão naquele ralo, a cabeça viajava. Lembrei da loira gostosa que atendi mais cedo. Aquela que morava no mesmo prédio do velho. Ela me atendeu de camisola. Fininha, vermelha, com aqueles peitos que parecem duas promessas de felicidade. Falava como se fosse fina, mas o ralo dela tava gritando, parecia que tinham empurrado uma ceia de Natal cozinha abaixo. Fiquei um bom tempo ali, ajustando o sifão, enquanto ela ficava do meu lado, me perguntando se eu já tinha atendido casos piores. "Já sim, senhora." Claro que já. Mas por dentro eu tava pensando: "Senhora uma ova, se me desse um convite, eu mostrava pra você o que é arrumar coisa direito."
Voltei pro banheiro do velho na memória. Enquanto limpava aquele ralo podre, comecei a fantasiar. Imaginei que a loira me chamava pra subir de novo, "Esqueci de algo no ralo", e de repente eu tava lá, com ela no meio do banheiro, encostando ela no mármore do vaso. Nem o cheiro de merda do velho me tirava a vontade. Eu ia mostrar pra ela como um encanador sabe usar as ferramentas.
Mas aí vem o plot. Porque a vida não perdoa quem sonha. Tava terminando de passar a mão na testa – e no cheiro de merda – quando o velho me chamou pra conversar. Achei que ele ia reclamar do serviço, mas não. Ele perguntou da loira. Disse com um meio sorriso: "Bonita, não é? Mas é minha filha." Quase engasguei. Puta que pariu. Pai e filha morando no mesmo prédio, e eu aqui pensando em trepar com ela enquanto limpava a merda do ralo dele.
Na hora que me toquei disso, fui pego no pulo. Ela tava ali, parada na cozinha quando voltei. Com aquele olhar de quem sabe exatamente o que se passa na cabeça dos outros. "Acabou o serviço, moço?" Com o mesmo tom que usaria pra falar com o entregador de

pizza. Olhei pra ela, olhei pra mim, percebi o cheiro de merda e a vida seguiu, como sempre segue.